



## FRANCISCA CLOTILDE: ENTRE A PERMANÊNCIA E A RUPTURA

Régia Agostinho da Silva\*  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA  
[ruaformosa@hotmail.com](mailto:ruaformosa@hotmail.com)

**Resumo:** Este artigo trata da trajetória de Francisca Clotilde, escritora cearense que publicou o livro *A divorciada* em 1904, abordando a temática da mulher e do direito ao divórcio. Francisca Clotilde escreveu um romance de tese na qual defendia o direito das mulheres do início do século XX a se divorciarem dos maridos, caso os mesmos não se mostrassem bons companheiros. Fato inusitado para o período, já que o divórcio republicano só foi permitido em 1977 no Brasil. Desta maneira consideramos Francisca Clotilde pioneira a abordar temática tão delicada no universo das mulheres de classes médias cearenses.

**Palavras-chaves:** Francisca Clotilde, mulheres, divórcio.

## FRANCISCA CLOTILDE: BETWEEN PERMANENCE AND RUPTURE

**Abstract:** This article treats about the life of Francisca Clotilde, a writer from Ceará who published the book *A divorciada (The Divorced)* in 1904, addressing the theme of women and the right to divorce. Francisca Clotilde wrote a thesis novel in which she defended the right of women in the early 20th century to divorce from their husbands, if they weren't good companions. This was indeed unusual for the period, since divorce in Brazil was only allowed by the Republican in 1977. Thus we consider Francisca Clotilde a pioneer who tackled such a delicate subject to the life of middle-class women of Ceará.

**Keywords:** Frances Clotilde, women, divorce.

Francisca Clotilde nasceu em 1862 na cidade São João dos Inhamus, hoje denominada Tauá, e aos quarenta anos, lançou, em Fortaleza, *A Divorciada*, seu único

---

\* Doutora em História na universidade de São Paulo. (2013) Possui mestrado em História pela Universidade Federal do Ceará (2002). Atualmente é professora da Universidade Federal do Maranhão.

romance. O livro narra a história de Nazaré e Chiquinho, os quais, por causa de diferenças sócio-culturais, não puderam vivenciar seu amor, sem antes enfrentarem um longo sofrimento.

Levada pelo pai, Coronel Pedrosa, Nazaré casa-se com seu primo Artur, bacharel em Direito, quem ela não amava, mas quem as condições sociais lhe impunham. Acontece que, no desenlace do romance, Artur se mostra um homem de péssimo caráter, viciado em jogo e no álcool e completamente omissos de suas funções de marido, pai e provedor. Envolvido em dívidas do jogo, torna-se ladrão e provoca bastante sofrimento à Nazaré. Enquanto isso, Chiquinho que viajara para o Norte, tentando enriquecer e esquecer as humilhações que passara ao se envolver com uma moça de outro nível sócio-cultural, mostrava-se cada vez mais digno e honrado, demonstrando que dignidade e caráter não são determinados por classes sociais. Nazaré não podendo mais suportar a vida de martírio e seu pai, Pedrosa, movido por remorso e piedade, toma a decisão de divorciá-la do marido. Pouco após a separação, Artur vem a falecer vitimado pela tuberculose e Nazaré ainda guarda dois anos de luto, após a morte do ex-marido, para só depois casar-se com Chiquinho, seu grande amor.

Esse é o enredo de *A Divorciada*, livro que sofreu em sua publicação um “cinturão de gelo”, nas palavras de Otacílio Colares:

Datado de 1902, *A Divorciada* é um romance de assaz difícil caracterização. Surgido quando, no Ceará, a escola realista-naturalista se encontrava no auge da preferência dos nossos ficcionistas mais válidos e atuantes, talvez com ele, ou melhor, por certo com ele aconteceu o que antes ocorrera a *A Rainha do Ignoto*, de Emília de Freitas: **o estabelecimento de uma espécie de cinturão de gelo, um clima pior que o de combate – o da indiferença total e mesmo criminosa, porque significou omissão de toda a geração contemporânea da autora, determinando a quase total ignorância, por parte de várias gerações subsequentes**<sup>1</sup>

Os poucos que conhecem o romance de Francisca Clotilde consideram que ele conquista mais pelo título polêmico do que pelo enredo, que era completamente conservador, pois mesmo se efetivando o divórcio, ele só ocorrera com intervenção e consentimento do pai de Nazaré. Em outras palavras, se o título do romance prometia uma heroína rebelde e avançada para época, o que se vê construído por Clotilde não

---

<sup>1</sup> COLARES, Otacílio. “A Divorciada de Francisca Clotilde: um romance ousado e esquecido”. Prefácio da 2ª ed. de **A Divorciada de Francisca Clotilde**. Fortaleza: Editora Terra Bárbara, 1996. Grifos nossos.

passa de uma personagem resignada, cristã e completamente dependente da vontade do pai. Pelo menos é essa a opinião de Abelardo Montenegro:

Implicitamente, o romance não faz apologia ao divórcio. Ao contrário, tacitamente condena-o. O drama conjugal encontra remédio na resignação cristã. A mulher deve confiar na justiça divina que pode tardar, mas chega finalmente.<sup>2</sup>

Opinião que se ver respalda por Caterina de Saboya Oliveira:

No entanto, o divórcio, pioneiro como tema do romance cearense, somente ocorre, n'A Divorciada, em condições extremas e, ainda assim, decido pelo pai da protagonista. Ou seja, apesar do título polêmico à época e dos dados biográficos de sua autora, trata-se de um romance conservador, que não rompe com o poder patriarcal. Um romance, enfim, profundamente marcado pelos cânones católicos, traduzidos também nas recompensas e castigos finais distribuídos, respectivamente aos personagens 'bons' e 'maus'<sup>3</sup>

Se o enredo do romance é conservador, mesmo acreditando que as coisas não estão tão entregues assim, percebemos momentos de tensão entre as personagens. Nas falas e pensamentos de Nazaré, mesmo quando resignada à vontade do pai, existem passagens em que ela pesa e avalia sua condição de mulher na busca pela felicidade conjugal.

Além do mais, mesmo que o romance seja tomado como conservador, a trajetória de vida da escritora já valeria uma leitura atenta de sua obra. Francisca Clotilde casou-se em 1880, aos 18 anos, com Francisco de Assis Barbosa Lima. Infelizmente sabemos muito pouco dessa união, mas o seu fracasso nos possibilita uma série de comentários sobre a trajetória pessoal da autora, a qual podemos considerar inversa à leitura conservadora de seu romance. Sabemos que Clotilde termina por viver um relacionamento amoroso com o jornalista Duarte Bezerra, com o qual ela teve quatro filhos.

A relação entre Clotilde e Duarte Bezerra rendeu uma série de preconceitos e pequenas lutas diárias travadas em uma sociedade onde as mulheres deviam se resguardar e se resignar na manutenção de um casamento, mesmo sem amor, até o fim dos seus dias. Afinal, manter o nome de senhora honesta e respeitável era fundamental numa sociedade que prezava as aparências e as posições sociais.

---

<sup>2</sup> MONTENEGRO, Abelardo F. **O romance cearense**. Fortaleza: Ed. A Batista Fontenele (tip. Royal), 1953, p. 111.

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Catarina de Saboya. **Fortaleza: seis romances, seis visões**. Fortaleza: EUFC, 2000, p. 113.

No entanto, Clotilde não se resignou e muito menos se conformou, entretanto, diferentemente de sua personagem Nazaré do romance “A Divorciada”, sofreu diversos entraves morais e vários preconceitos anotados em seu diário em 11 de maio de 1894:

Juntos como vivíamos, se dispuséssemos de elementos favoráveis, teríamos revolucionado o mundo! Não triunfamos da guerra crua que o mundo nos moveu? Por mais que a maledicência se cevasse na nossa reputação, não nos deixamos abater. O nosso amor, como escudo poderoso, nos protegia contra os nossos inimigos.<sup>4</sup>

De fato, deve ter sido muito difícil para Clotilde assumir a relação com Duarte Bezerra, pois seu marido havia desaparecido de um asilo de alienados do Rio de Janeiro e dele nunca mais teve notícias. Encontrou-se, portanto, numa situação de entrave: esperar pela volta do marido, seu dever enquanto esposa, ou começar uma nova vida. Clotilde optou pela busca da felicidade:

Homem sem personalidade, conhecido na intimidade pela alcunha de Zeguedegue. O marido da professora-romancista, certa vez, disse ao pai: - Meu pai, se a Chiquinha morrer eu boto uma bodega.

Dado ao hábito da embriagues, findou por enlouquecer, sendo internado no Asilo de Alienados do Rio, de onde fugiu para lugar ignorado.

Clotilde desejava ardentemente construir um novo lar. Não podia, pois não sabia se o marido vivia ou não. A sua inteligência foi cada vez mais se deixando envolver pelos tentáculos do misticismo<sup>5</sup>.

Essa mulher obstinava construir uma trajetória de luta pelos direitos femininos, trabalhando arduamente enquanto professora e escritora. Foi a primeira mulher a lecionar na Escola Normal do Ceará, participando, também, do movimento abolicionista, além de ajudar na criação da Liga Feminina, em apoio à candidatura oposicionista de Franco Rabelo a Accioly, escrevendo um texto onde fala da relação entre mulher e política:

Hoje, que o movimento progressista da humanidade se tem desenvolvido de modo extraordinário e animador, não é de estranhar que a mulher, deixando-se arrastar na onda do entusiasmo, fique ao lado do homem na luta pelas boas causas. Desde os tempos mais remotos, vemo-las desempenhar um importante papel, apesar de ser considerada frágil e inconstante pelos espíritos pessimistas. A história bíblica fala-nos de Débora doutrinando o povo à sombra das palmeiras e dando-lhe planos de batalha para repetir o inimigo; mostra-nos a linda viúva de Betúlia que, inspirada por Deus, penetrou no campo

<sup>4</sup> LEAL, Ângela Barros. “Em busca de Francisca Clotilde”. Artigo introdutório da 2ª edição de **A Divorciada**.

<sup>5</sup> MONTENEGRO, Abelardo F. **O romance cearense**. Fortaleza: Ed. A Batista Fontenele (tip. Royal), 1953, p. 112.

dos Assírios e conseguiu degolar o general Holofernes, trazendo-lhe a cabeça como um troféu aos seus concidadãos que proclamaram a glória de Jerusalém, a alegria de Israel. (...). Em que pese aos obscurantistas, o tempo do fuso e da roca já desapareceu na voragem do passado e hoje a mulher, se não tem o direito de se apresentar nos comícios eleitorais, porque a lei não lh'o quis ainda conferir, tem o dever sagrado de acompanhar o homem, máxime quando ele se bate pela pátria em seus dias nefastos e trabalha pela liberdade e pelo progresso<sup>6</sup>

Mesclando imagens e estereótipos já consagrados pela sociedade do período, como a imagem da mulher santa, caridosa, bondosa e com deveres sagrados, Francisca Clotilde vai pouco a pouco tentando inserir a mulher no mundo público e na participação política. Esse recurso foi utilizado por várias feministas e escritoras da época. Um rompimento que se dava não a partir da negação total de toda uma conceituação sobre o papel da mulher na sociedade, mas, muitas vezes, a partir da potencialização da imagem da mulher sofredora, lutadora e com missões sagradas. A partir dessas imagens tentava-se ampliar e justificar os campos de atuação das mulheres: se elas são responsáveis pela criação e educação da prole, deveriam ser também preparadas para assumir tão digna missão. E não vai ser ficando entre o fuso e a roca que a mulher vai se preparar para educar os filhos, zelar pela pátria e, assim, contribuir para o engrandecimento da nação. Ou seja, mesmo trabalhando com conceitos conservadores e tradicionais, Clotilde tenta angariar espaços de atuação para as mulheres no mundo de política institucional. Com aponta Roger Chartier:

As fissuras que racham a dominação masculina não assumem todas as formas de dilacerações espetaculares nem se exprimem sempre pela irrupção de um discurso de recusa e de rebelião. Muitas vezes elas nascem dentro do próprio consentimento, reutilizado a linguagem da dominação para fortalecer a insubmissão<sup>7</sup>

Clotilde conseguiu abrir muitas portas para sua época. Escreveu em vários jornais, publicou, em 1881, “Noções de Aritmética” para o uso escolar, também lançou uma coleção de contos e um drama em três atos, “Fabiola”, além de participar do Clube Literário que lançava um periódico intitulado “A Quinzena”.

<sup>6</sup> Ver: COLARES, Otacílio. “A Divorciada de Francisca Clotilde: um romance ousado e esquecido”. Prefácio da 2ª ed. de **A Divorciada de Francisca Clotilde**. Fortaleza: Editora Terra Bárbara, 1996, p. 12-13

<sup>7</sup> CHARTIER, Roger. “A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas” In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 1994, p. 109.

Fundou uma escola mista, fato novo para a época, em Fortaleza, e depois a transferiu para Baturité. Um espaço em que meninas e meninos estudavam juntos e podiam, provavelmente, trocar ideias. É também em Baturité que Clotilde lança a revista “A Estrela”, na qual muitos escritores e escritoras publicaram textos.<sup>8</sup>

Clotilde também se destaca na escrita de sonetos sobre amor, pátria e paisagens campestres. Muito provavelmente sua relação com a poesia e aproximou de Serafina Pontes, poetisa considerada por Otacília Colares a primeira ultra-romântica do Ceará. Não é à toa que Clotilde lhe dedica o livro *A Divorciada* (assim como também dedica a outra escritora, Alba Valdez). Sua aproximação com Serafina Pontes rendeu até um prefácio na coletânea poética “Livro d’Alma”, lançado pela poetisa em 1894:

Minha querida Serafina

Escolheste-me para apresentar a pia batismal da imprensa do teu Livro d’Alma. Se eu ainda encarasse a poesia pelo prisma fascinante com que ela outrora me sorria, com certeza faria uma análise, embora sucinta e imperfeita de teus versos; mas lá se foram todas as minhas ilusões e cai no árido terreno do prosaísmo com o coração calcinado de desenganos e o cérebro esterilizado para as luminosas e boas inspirações, me é quase impossível corresponder condignamente à hora que fazes. No teu livro revelas os anseios de uma alma que busca através dos desertos da vida a palmeira verdejante, que nas areias da África seduz o viajante requeimado pelo Sol e pelas ardências da terra, e que buscamos nos desertos ideais na doçura de alguma afeição correspondida. Exaltas a sublimidade da virtude, rendes um preito eloqüente à liberdade, cantas a glória, o amor, a amizade, sabes enfim apresentar sob as mais singelas e encantadoras imagens as concepções de teu talento que voa bem alto, atraído pela luz da inspiração, fanatizado pelo encanto do bem. Eu que compreendo teu coração, que o tenho visto expandir-se a extravasar ternuras, quando mais rude o sacode o embate da dor, faço votos para que o teu Livro d’Alma seja acolhido entre aplausos e bênçãos, apreciado e festejado pelo público mais exigente<sup>9</sup>

Notamos uma atitude de amargura por parte de Clotilde em relação ao romantismo e à poesia romântica. A escritora contava trinta e dois anos e acabara de perder seu grande amor Duarte Bezerra, falecido em janeiro de 1893. Quase uma década depois nossa escritora publica “A Divorciada”, romance em que pese todas as críticas as quais já nos referimos, abre-nos as possibilidades de uma leitura sobre a emancipação

<sup>8</sup> Sobre a atuação de Francisca Clotilde na Revista A Estrela ver: ALMEIDA, **Luciana Andrade de. Francisca Clotilde a palavra em ação.** ( 1884-1921). Dissertação de mestrado. Fortaleza: UFC, 2008.

<sup>9</sup> Francisca Clotilde In: COLARGES, Otacílio. **Lembrados e Esquecidos.** Vol. VI, Fortaleza: Senado Federal, 1993, pp. 80-81.

feminina, a crítica social e a imagem de homens construídas na pena feminina de Clotilde. Como a própria autora coloca em “A Divorciada”: “É uma história singela de duas criaturas que se amaram com pureza, e as quais o destino torturou acerbamente antes de dar-lhes a felicidade almejada”<sup>10</sup>

Mais do que estabelecer uma relação hierárquica valorativa na literatura – de obra maior ou obra menor – como é de praxe na análise da literatura feminina, procura-se entender a sociedade, o olhar das mulheres e o comportamento feminino nesse romance, seguindo aqui neste artigo, seu personagem central, que é Maria Nazaré, que conforme nosso entendimento, Francisca Clotilde criou para possibilitar, na literatura, o divórcio feminino, mesmo que ainda preso a algumas amarras conservadoras.

## A DIVORCIADA

Francisca Clotilde inicia seu romance *A Divorciada* de forma bastante intrigante:



Não pense o leitor benévolo que vai ter diante dos olhos um romance de cenas aparatosas, cheios de peripécias emocionantes e lances extraordinários. É uma história singela de duas criaturas que se amaram com pureza, e as quais o destino torturou acerbamente antes de dar-lhes a felicidade almejada<sup>11</sup>

Francisca adverte ao leitor “benévolo” de que nada de muito emocionante será encontrado em seu romance. Nada de grandes aventuras, apenas uma história de amor puro contrariado pelos impasses sociais, mas que depois de vários percalços consegue se realizar.

Se a intenção de Francisca fora arrefecer os leitores sedentos por aventuras, talvez tenha conseguido. Por outro lado, é possível também que possa ter despertado o desejo de leitura de sua “narrativa singela”, na medida em que tenta não instigar seu público, provocando um efeito contrário, ao provocar sua curiosidade. Proibindo, convida. Limitando, abrange. Entramos curiosos na leitura de *A Divorciada*, mesmo com as precauções já expostas de que nada de muito novo encontraríamos no romance. Mesmo advertidos, ou justamente por isso, penetramos teimosamente no romance e percebemos que, para a intensão do nosso trabalho, estudar o mundo das mulheres

<sup>10</sup> CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. 2ª ed. Fortaleza: Terra Bárbara, 1996, p. 81.

<sup>11</sup> CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. 2ª ed. Fortaleza: Terra Bárbara, 1996. “Cartão de visita”, apresentação da obra, p. 81.

cearenses na virada do século XIX e início do XX a partir da obra *A Divorciada* representa uma tentativa de recuperação dos momentos de tensão das personagens femininas e do momento da escritura de Francisca, em que letra e vida se articulam. São tais as tarefas que consideramos importantes e necessárias no ofício dos historiadores.

Resolvemos então adotar como forma de estudo e análise seguir a narrativa por personagens, familiarizando, dessa forma, os leitores com as obras. Seguiremos *A Divorciada* buscando nela hábitos, costumes, normas comportamentais e momentos de tensão que a pena feminina de Francisca registrou. Na tentativa de colocar o divórcio, um assunto inédito para a literatura de sua época, a autora já propõe um novo aspecto a ser posto em discussão na sociedade. Levando em conta esse fato, analisaremos o papel questionador da literatura, e em nosso caso, da literatura feminina.

### NAZARÉ, MULHER RESIGNADA?

Nazaré, personagem central do romance tomado como fonte, chegou à Redenção quando “o sol avinhava-se do acaso”. Viera para se recuperar de uma tuberculose, doença muito perigosa no século XIX. Respirar o ar puro do campo era a receita considerada fundamental pelos médicos do período. Acreditava-se que o ar campestre pudesse trazer benefícios aos tuberculosos, diferentemente do ar da cidade considerado impuro, que prejudicava o organismo, principalmente os dos mais debilitados. E por essa receita médica Nazaré veio à Redenção, interior do Ceará, junto com o pai Coronel Pedrosa e suas irmãs.

A primeira impressão que a narrativa nos dá sobre Nazaré é esta:

Era uma criatura privilegiada, tinha uma alma de eleição sempre disposta à bondade, procurando ensejo para derramar consolações no sofrimento alheio. Chorava pelos outros, sentia pelas crianças infelizes uma ternura especial. As outras chamavam-na irmã de caridade e ela era realmente digna desse título quando sentava ao colo um pequerrucho que a desgraça orfanara bem cedo e cobria de beijos suas facezinhas esmaecidas onde timidamente apareciam sorrisos que se acentuavam à tepidez daquelas carícias nascidas as influxo de caridade.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> CLOTILDE, Francisca. *A Divorciada*. 2ª ed. Fortaleza: Terra Bárbara, 1996. p 91.



Temos aqui a construção da boa samaritana, segundo Abelardo Montenegro, “a primeira samaritana da literatura cearense”<sup>13</sup>. Uma personagem que se destaca pelo auxílio aos carentes, aos necessitados e principalmente às crianças. Tudo isso reforçado pelo fato de ser essa samaritana uma tuberculosa que, ao invés de estar preocupada com a própria saúde, preocupava-se com o sofrimento alheio.

Adorada pelo pai viúvo, Coronel Pedrosa, que após a morte da esposa passou a devotar à filha um amor muito maior que já tinha:

Quando a moléstia atingiu-a e pesou sobre a casa uma tristeza de morte, um pressentimento negro de fatalidade, e o pai que a idolatrava, ainda mais depois da morte da esposa, curtiu longas torturas em noites de insônia, julgando perder a mais bela esperança de sua vida<sup>14</sup>

Nazaré era filha perfeita, caridosa, obediente e não havia causado desgosto algum ao pai. Sempre atenciosa e muito mais resguardada, agora, por causa da doença. Nazaré cumpria perfeitamente o papel cobrado da boa filha, mesmo quando se dedicava àquilo que era considerado devaneio para as moças do período, ou seja, “a literatura de romances galantes”, Nazaré fazia uma leitura considerada “apropriada” às moças:



Admirava-se quando lia romances, do meio entontecedor das grandes capitais. Revoltava-se com aquelas noites de loucura passadas na ópera de Paris, nos restaurantes, em que a saúde dos moços se arruína e a falta de repouso acarreta consequências funestas para o vigor físico e para o humor. Era tão feliz o casal rústico morando em uma casinha perdida na folhagem, perto de um regato murmurante que lhes trazia agradável frescura e onde os pássaros em doce revoada, vinham dessedentar-se nas horas de calor.<sup>15</sup>

Percebemos nessa passagem a análise da personagem sobre as relações entre o campo e a cidade. Nazaré acredita que a vida no campo é muito mais saudável que a vida na cidade e que até o amor poderia ser mais bem realizado no campo.

Em *O campo e a cidade na história e na literatura*, Raymond Williams analisa, na literatura inglesa, a dicotomia entre esses dois espaços:

Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizam-se e generalizam-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a

<sup>13</sup> MONTENEGRO, Abelardo F. **O romance cearense**. Fortaleza: Ed. A Batista Fontenele (tip. Royal), 1953, p. 112.

<sup>14</sup> CLOTILDE, Francisca. **A Divorciada**. 2ª ed. Fortaleza: Terra Bárbara, 1996. p 91.

<sup>15</sup> Ibid., p. 93.

ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica.<sup>16</sup>

Em nosso caso, Nazaré opta pela primeira imagem, talvez numa análise romântica e idílica sobre o campo. Mais que isso, a personagem acredita piamente nas benesses e bondades desse espaço, visto aqui como lugar de pureza e inocência, onde a felicidade poderia ser mais facilmente alcançada, assim como o retorno de sua saúde.

Essa mesma leitura romântica tem Nazaré ao ler *Paulo e Virgínia* de Bernardui de Saint Pierre (1787). Essa leitura merece ser aqui descrita porque ela nos fornece uma chave preciosa para uma análise mais detalhada de nossa personagem:

Lera aos 13 anos ‘Paulo e Virgínia’ e guardara no íntimo do coração a fragrância virginal daquele poema que imortalizou o amor ingênuo de duas crianças feridas rudemente pelos golpes do mais cego e implacável destino. Nas suas longas horas de insônia, ou nos acessos de fraqueza que a prostravam e num atordoamento de modorra recordava os menores detalhes das cenas passadas entre as duas crianças que se tinham identificado a ponto de uma não poder passar sem a outra, e imaginava que no lugar de Virgínia não teria embarcado, ausentando-se do seu companheiro de infância. Chorava tanto ao desenlace daquele idílio infantil e apostrofara a tia inoportuna que cortava a ventura da doce amiguinha de Paulo.<sup>17</sup>

A cena nos ajuda a entender os momentos de contradição e de tensão de Nazaré: a partir dessa leitura, ela se permite se colocar no lugar da personagem principal do romance que leu. Nazaré não se apartaria de seu amor. Sendo assim imaginou um outro desfecho para a história de *Paulo e Virgínia*, recriando um final feliz. Segundo Michel de Certeau:

Análises recentes mostram que ‘toda leitura modifica o seu objeto’, que (já dizia Borges) ‘uma literatura difere de outra menos pelo texto do que pela maneira como é lida’, e que enfim um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido. Se, portanto, ‘o livro é um efeito (uma construção) do leitor, deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de lectio, produção própria do ‘leitor’. Este não toma o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a ‘intenção’ deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no

<sup>16</sup> WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 11.

<sup>17</sup> CLOTILDE, Francisca. **A Divorciada**. 2ª ed. Fortaleza: Terra Bárbara, 1996, p. 94.

espaço organizado por sua capacidade de permitir pluralidade indefinida de significações<sup>18</sup>

Portanto, Nazaré não constrói uma leitura passiva de *Paulo e Virgínia*. Nesse momento, a Nazaré resignada dá os primeiros sinais de uma futura rebeldia, opondo-se a uma vontade “materna” da tia fictícia em *Paulo e Virgínia*. Será que no decorrer da narrativa, ao se ver impelida pelo pai a um casamento sem amor em detrimento de uma paixão verdadeira e singela, Nazaré agiria realmente como propunha à personagem fictícia Virgínia?

O “destino” parece demonstrar que não, mas antes de chegarmos à resposta, é necessário seguirmos com Nazaré a trajetória de sua paixão por Chiquinho.

Chiquinho era um jovem rapaz e sacristão da cidade de Redenção, sendo assim apresentado na narrativa:

Todos os semblantes apresentavam sinais de satisfação e ao chegarem ao adro da igreja era uma verdadeira festa. Quando se aproximara o moço encarregado de exercer as funções de celebrante e que era um dos mais guapos mancebos do povoado, de rosto simpático, olhar expressivo, sorriso insinuante, a alegria aumentava coberto de um rubor misterioso ao corresponderem a saudação feita com aquele bom modo que mostra o homem superior, mesmo sob a aparência rústica do filho do campo. Era muito estimado o Chiquinho, já pelas excelentes qualidades que o colocavam em esfera superior aos dos outros conterrâneos, já pela influência política de seu pai, homem de rija têmpera e que, embora de gênio violento e sujeito a explosões bem intempestivas, era de uma retidão de caráter a toda prova. Além disso Chiquinho tinha alguns conhecimentos bebidos na leitura constante de livros que lhes emprestava o vigário, que o nomeara procurador da capela e que nele depositava a maior confiança.<sup>19</sup>

Chiquinho destacava-se no meio rural em que vivia. Tinha conhecimento de leitura e era estimado na pequena Redenção, ocupando um lugar de prestígio na capela como sacristão, sendo ainda filho de um respeitado e influente cidadão do lugar. Enfim, Chiquinho era considerado o modelo de bom rapaz. E com as mulheres... Com as mulheres, Chiquinho transtornava espíritos, causava “frisson”, provocava sussurros e passava indiferente, deixando atrás de si a sua legião de enamoradas:

Para as moças era um – Santo Antoninho onde te porei – e noite de S. João choviam as priminhas de voz melíflua e olhares ternos e convidá-lo para passar a fogueira. Ele, que não era perfeito, porque neste vale

<sup>18</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 5ª ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2000, pp. 264-265.

<sup>19</sup> CLOTILDE, Francisca. **A Divorciada**. 2ª ed. Fortaleza: Terra Bárbara, 1996, p. 84.

de lágrimas todos temos as nossas fraquezas, tinha o fraco de borboletear e conjugava o verbo amar por mera brincadeira. Contavam que uma moça filha de uma amazonista tivera por ele uma forte paixão e assaltara-lhe o coração por todos os modos, sem colher o mínimo resultado e contentando-se a ser, depois de muitos suspiros, e quiçá de muitas lágrimas, uma simples priminha de fogueira como as outras. A irmã do vigário manifestara-se também como assaltante de seu coração e era bem bonita ela, com uma cor tentadora de jambo e uns cabelos negros a emoldurar-lhe o rosto gentil. Bateu igualmente em retirada, e depois dela muitas outras fizeram as mesmas tentativas e sempre com um resultado negativo. Não perdiam, entretanto, as esperanças, e quando o Chiquinho com o livro do mês mariano debaixo do braço entrou naquela bonita tarde de maio na capela para rezar os exercícios do 10º dia, mais de um suspiro se levantou e muitos olhares fizeram dele o alvo de suas setas<sup>20</sup>

Nenhuma moça parecia capaz de atingir o coração de Chiquinho, e olha que algumas delas, como a filha do “amazonista”, haviam tentado de várias formas. Choviam convites para as festas de fogueira de São João. Todas utilizavam, nas festas juninas, as artimanhas de contato-passar fogueiras para tornarem-se primos, seguindo a tradição – para se aproximarem de Chiquinho.

No Nordeste a comemoração das festas juninas tinha e ainda tem um caráter de confraternização e fartura. São estabelecidos laços de parentesco, fazem-se padrinhos e madrinhas, através do ritual de passar a fogueira. Existe uma quadrinha popular, bastante antiga, que as pessoas costumavam dizer para selar o novo acordo de parentesco: “*São João disse, São Pedro confirmou, para você ser meu padrinho que Jesus Cristo mandou*”. Essa quadrinha era repetida por afilhados (as), padrinhos, madrinhas e primos de fogueira, criando-se, assim, um vínculo de parentesco tão necessário para a manutenção do *status quo* das elites nordestinas. Eram nas e pelas relações sociais de parentesco que muitas famílias mantinham a dominação política através de práticas paternalistas que visavam o reconhecimento do seu poder. Muitas vezes pessoas não ligadas às famílias dominantes por laços consanguíneos, acabavam entrando para a “família” através das fogueiras juninas.

Por outro lado, era também nesses momentos de festas que muitas moças se atreviam a convidar os rapazes para serem primos de fogueira, tentando aproximarem-se do alvo de suas atenções. Chiquinho, segundo nos aponta a narradora, passou por tal processo. Desejado pelas moças de Redenção, era sempre cotado para ser primo de fogueira, “borboleteando” entre um ou outro romance.

<sup>20</sup> CLOTILDE, Francisca. **A Divorciada**. 2ª ed. Fortaleza: Terra Bárbara, 1996, p.85-86.

Em uma sociedade tão hierarquizada, onde a maioria das mulheres tinha tão pouco espaço de atuação, as festas juninas configuravam-se num daqueles poucos momentos em que as meninas poderiam se atrever um pouco mais e convidar os rapazes para “passar a fogueira”. Outra ocasião propícia para a aproximação entre moças e rapazes se dava na missa de domingo. A igreja constituía-se como um dos espaços possíveis em que a sociabilidade se fazia. As famílias se encontravam e punham a conversa em dia. No caso do romance, muitas moças só tinham a oportunidade de ver e ouvir Chiquinho durante a leitura domingueira na celebração, podendo, com alguma sorte, até iniciar uma pequena conversa ou uma troca de cumprimentos. Não é de se estranhar, portanto, que a entrada de Chiquinho na igreja provocasse sussurros e suspiros entre as moças.

No entanto, o jovem não era apenas “o santo Antoninho onde te porei?” das meninas de Redenção, ele também praticava a caridade e ajudava os mais necessitados:

Se havia um terço de promessa, levam-no quase profissionalmente para tirá-lo, se um pobre agonizava num grabato miserável em masarda escura, lá ia o rapaz, e era consolador vê-lo, tão cheio de vida, os belos traços traduzindo a dor de ver sofrer um semelhante, a recitar as orações da hora suprema. Os pobres adoravam-no, e raro era o casal desprotegido da fortuna que não o escolhia para padrinho dos filhos<sup>21</sup>



Foi justamente a caridade e a benevolência para com os menos favorecidos que propiciou o encontro entre Chiquinho e Nazaré. A heroína de Clotilde, ao visitar uma mulher doente, viu pela primeira vez aquele que ganharia seu coração para sempre:

Então, acha que ela tem febre? Conheceu a pessoa que lhe diria a pergunta e o som daquela voz que tinha um encanto inexprimível, ressoou-lhe agradavelmente aos ouvidos. Sim, ela tem febre, respondeu: E seus olhos que se tinham levantado para observar o moço baixaram-se meio envergonhados, porque o olhar dele lhe fora direitinho ao coração. Como explicar a emoção súbita que lhe causara aquele olhar? E, no entanto, era bem simples o gesto do moço e fora com o mais visível acanhamento que ele formulara a pergunta acerca do estado febril da doente. Nazaré sentiu acerejarem-lhe as faces empalidecidas, recordam o dia em que chegara ao povoado e fora assistir os exercícios na capelinha branca, cujas janelas verdes já desbotadas pela ação do tempo pareciam receber com alegria o ar vivificante dos matagais em flor. Vieram-lhe rapidamente ao espírito as versões que corriam acerca do rapaz: sua caridade, seus bons costumes, o ascendente que exercia sobre os habitantes do povoado, envolveram-no ao seu olhar como uma espécie de auréola e achou-se muito superior aos janotas da cidade, ridiculamente enfatuados nos

<sup>21</sup> CLOTILDE, Francisca. **A Divorciada**. 2ª ed. Fortaleza: Terra Bárbara, 1996, p.85.

seus uniformes custosos, com pretensões a agradar pela forma de dar o laço da gravata e colocar ao peito uma orquídea meio desabrochada. Este possuía a tez crestada pelo sol do campo, as mãos eram calejadas pelo trabalho grosseiro; mas que expressão era de bondade se lia nos seus olhos! Quanto benefícios espelhava a mãos cheias pelos pobres e desvalidos! O pensamento da moça estabelecia comparação e trouxe-lhe a conclusão de que neste mundo, o tesouro mais sólido, a recomendação mais preciosa é um caráter honesto e uma consciência sem mancha.<sup>22</sup>

E assim se iniciou o amor de Nazaré e Chiquinho: o instante de um olhar em movimento que definiria para sempre a trajetória dos protagonistas. Nazaré gosta do que vê.

A partir do olhar surge a comparação inevitável com os “janotas da cidade”, comparação que seguirá a partir daqui os pensamentos de Nazaré. A leitura idílica do campo, como lugar de paz, bondade e inocência, ajudará Nazaré a formar uma opinião inicial sobre Chiquinho. Ele vive no campo, tem a caridade, Nazaré percebia uma bondade inerente, constituinte da personalidade do rapaz, muito diferente dos “janotas”, os quais, apesar de viverem em meio considerado civilizado, não tinham aquilo que Nazaré considerava o tesouro mais sólido, a recomendação mais preciosa: “*um caráter honesto e uma consciência sem mancha*”. E tudo isso Nazaré percebeu num relance de olhar e pelo que tinha ouvido falar sobre Chiquinho. Há também uma grande influência das leituras românticas sobre o campo.

Desse ponto de vista, o campo parece isento de qualquer dificuldade econômica, política ou social, sendo encarado como essencialmente bom e aqueles que vivem nele também. Segundo Raymond Willians, essa leitura e escritura sobre o campo escamoteou várias relações desiguais, impedindo, de uma determinada forma, de se enxergar as concretudes da vida tanto do campo como da cidade:

Se o que se via na cidade não podia ser aprovado, por tornar evidente a sordidez das relações decisivas que regiam as vidas das pessoas, o remédio não era jamais a moralidade da vida simples e pensamentos novos trazidos por um visitante, nem uma conversa vazia sobre campos verdejantes. Era uma mudança das relações sociais e da moralidade essencial. E era precisamente neste ponto que a ficção de ‘cidade e campo’ era útil; para promover comparações superficiais e impedir comparações reais.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> CLOTILDE, Francisca. **A Divorciada**. 2ª ed. Fortaleza: Terra Bárbara, 1996, p.95-97.

<sup>23</sup> WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 79.

Sabemos que as relações no campo não eram, e nem são, tão idílicas como se afigurou em alguns registros literários. No caso de *A Divorciada* essa imagem bucólica do campo fica clara nos pensamentos comparativos entre Chiquinho e os “janotas da cidade”. De uma determinada maneira, como aponta Raymond Willians, essa imagem idílica do campo ajuda a criar a aparência de um espaço sem problemas sociais.

No desenrolar da narrativa iremos perceber que a imagem do campo absorvida e recriada por Nazaré será pouco a pouco questionada por si mesma, ao se perceber apaixonada por Chiquinho. Ela traçará as possibilidades de se ver encaçada com alguém que não participa do círculo da cidade, no caso, Fortaleza.

Chiquinho passara a frequentar, junto com sua irmã Loló, a casa de sua enamorada a convite da mesma. Esse detalhe é interessante para demarcar quais eram as relações entre Chiquinho e Nazaré, já que não existia nenhum vínculo oficial e nenhuma intenção aberta de namoro.

Ela, ao descobrir que Chiquinho tinha uma irmã mais nova, convida-os para frequentarem sua casa, visto que sozinho e sem a companhia de uma irmã que justificasse sua presença na casa de uma moça de família, estaria claramente demarcado que havia intenção de namoro. Não poderia e nem teria como justificar a presença apenas de Chiquinho, sem abrir claramente as intenções dele, nem Nazaré as suas. Pois mesmo se vendo apaixonada, ela mantém uma postura titubeante diante da possibilidade de unirem-se.

Lia distraidamente um romance francês, do qual desejava traduzir certas passagens que diziam bem as condições em que se achava. Supunha-se a heroína do livro uma moça corajosa que arrostava com a vontade do pai para casar com um pintor que lhe conquistara inteiramente a alma. No lugar da protagonista teria feito o mesmo. Os pais não tinham o direito de opor-se as inclinações dos filhos, desde que visassem um fim legítimo. Era muito obediente, idolatrava o pai, mas se a sua felicidade dependesse de alguém que ele não visse com bons olhos, saberia reagir. Não era possível que a contrariassem. Habituada desde a infância a toda sorte mimos, só podia esperar a continuação desse carinho em que a haviam envolvido e que era um manto agasalhador muito tépido e macio estendido continuamente sobre a sua fraqueza. Voltava-lhe a reflexão. Fazia mal em ler romances que lhe exaltavam a imaginação doentia. Para que havia de estar pensando em casamento? Convinha-lhe cuidar primeiro da saúde. E depois que ideal era o seu? Um matuto que não sabia entrar em um salão, que não poderia ser apresentado na melhor roda sem provocar censuras e ironias. Como haviam de escarnecer-lhe o mau gosto! Devia acabar aquele idílio que em má hora começara. Desgostar o seu paizinho tão bom, tão carinhoso para desposar um roceiro que mal conhecia, sacrificar a sua mocidade a uma quimera de

momento, matar o futuro que lhe acenava em horizontes róseos, trocar a vida alegre das senhoras de com tom pela rude existência de mulher de um camponês! Envergonhava-se de que seu espírito romanesco a tivesse levado tão longe! O ideal de uma existência a dois, longe dos rumores do mundo, numa casinha perdida entre a verdura dos prados era belo, mas muito inexequível para uma moça nas suas condições.<sup>24</sup>

Mais uma vez encontramos Nazaré a se debruçar na leitura de romances, imaginando-se heroína, contrapondo-se à vontade do pai. Se as leituras românticas "transtornavam os espíritos das incautas", como aponta Adolfo Caminha. Nazaré estava completamente tomada por essa leitura: devaneava e sonhava, achando possível enfrentar a tudo e todos para viver seu amor com Chiquinho.

No entanto, ao sair da leitura e deparar-se com a realidade, tendo que enfrentar o pai, vacilava. Seu amor era o amor regido por romances, um amor que amava a si mesmo e entusiasmava-se com a sua própria capacidade de amar. Mas, diante da necessidade de uma ação e de uma reação, acovardava-se. Afinal a vida era diferente dos livros, como aponta Maria Angela D'Incão:



O período romântico da literatura brasileira, especialmente a literatura urbana, apresenta o amor como um estado da alma, toda a produção de Joaquim Manoel de Macedo e parte da de José de Alencar comprovam isso. No romantismo são propostos sentimentos novos, em que a escolha do cônjuge passar a ser vista como condição de felicidade. A escolha, porém, é feita dentro do quadro de proibições da época, à distância e sem os beliscões. Ama-se, porque todo o período romântico ama. Ama-se o amor e não propriamente as pessoas. Apaixona-se, por exemplo, por uma moça que seria a dona de um pezinho que, por sua vez, é o dono de um sapato encontrado. O amor parece ser uma epidemia. Uma vez contaminados, as pessoas passam a suspirar e a sofrer, a desempenhar o papel de apaixonados. Tudo em silêncio, sem ação, senão, as permitidas pela nobreza desse sentimento novo: suspirar, pensar, escrever e sofrer. Ama-se, então um conjunto de idéias sobre o amor. As pessoas que amam aparecem nas novelas como possuidoras de uma força capaz de recuperar o caráter moral perdido, como no caso de Seixas no romance Senhora de José de Alencar. O amor sempre vitorioso. Aurélia, em Senhora vence porque tinha um bom motivo: o amor. O amor dos romances vence sobretudo o interesse econômico no casamento. No mundo dos livros os heróis sempre amam.<sup>25</sup>

Nazaré identificava-se com essa maneira de amar, ou seja, estava mais atraída pelo ideal do amor do que pelo ser amado. Navegando com a leitura, delineando as

<sup>24</sup> CLOTILDE, Francisca. **A Divorciada**. 2ª ed. Fortaleza: Terra Bárbara, 1996, p.104-106.

<sup>25</sup> D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p.234.



passagens de seu amor e concordando com a protagonista do romance que lia, opunha-se, em nome dessa idealização, à vontade paterna. No entanto, ao deparar-se com a realidade não podia reger a sua vida de acordo com a literatura que lia.

Nesse momento percebemos que *A Divorciada*, mesmo com tons e voltagens românticas, diferencia-se de uma narrativa romântica em si, pois já nos encontramos no final do século XIX e muito do Naturalismo-Realismo já influenciara na literatura brasileira e, particularmente, na cearense. Por isso vemos que a personagem estudada, na medida em que sonha, também se depara com outra realidade: o fato de Chiquinho ser "um matuto". Diante disso, os sonhos do heroísmo romântico esvaíam-se.

Compreendemos que Francisca Clotilde construiu sua personagem central entre a permanência e a ruptura: ao mesmo tempo que Nazaré estava presa a uma rede de relações conservadoras, a mesma também se questionava sobre a validade desses conceitos e sobre como seria possível fugir deles e tentar viver seu amor com Chiquinho.

Acreditamos que Francisca Clotilde utilizou muitas vezes de discursos conservadores para avançar na conquista do espaço para as mulheres de seu tempo; ao construir *A Divorciada*, Clotilde defende a sua própria trajetória de vida, mostrando que era possível e legítimo as mulheres quererem o divórcio, quando seus pares não faziam jus ao casamento, como ocorre no romance analisado, já que Nazaré casa coagida pelo pai como o primo Artur, o qual entrega-se a todo tipo de miséria: viciado, alcoólatra e por fim, ladrão.

Nesse sentido consideramos que entre a permanência e a ruptura Francisca Clotilde escreveu seu romance e deu seu recado: Deixem as mulheres amarem em paz.

**RECEBIDO EM: 26/07/2015**

**PARECER EM: 17/12/2015**